

18/8/2013

Minas e Mato Grosso também usarão só máquinas

No Nordeste, desemprego vem com crise nos canaviais

SÃO PAULO E RECIFE — A colheita manual de cana-de-açúcar está em rápido declínio. Em algumas regiões de São Paulo, que responde por 56% da produção nacional, a mecanização nas lavouras já alcançou 90%. A estimativa do Ministério Público do Trabalho é que menos de 10% das áreas cultiváveis paulistas necessitarão de corte manual a partir de 2014, último ano em que será permitida a queima da palha nas lavouras mais planas, onde é possível usar máquinas. Para as áreas íngremes, o prazo é 2017.

A queimada serve para eliminar as folhas e facilitar o corte pelos trabalhadores. O problema é liberação de gases tóxicos na atmosfera, como CO₂, fumaça e fuligem.

Assim como São Paulo, Minas Gerais firmou compromisso para eliminar a queima até o fim de 2014. No Mato Grosso, 70% da colheita são feitos com máquinas e a lei estadual prevê o fim das queimadas em 2017.

— Queremos acabar mesmo com a colheita manual. Não é para ser “verde”, é por pragmatismo. No mercado internacional, há uma visão muito ruim do corte manual — explica Jorge dos Santos diretor-executivo do Sindicato das Indústrias Sucroalcooleiras do Mato Grosso.

No Mato Grosso do Sul, a mecanização chega a 94%, e a lei estadual estipulou para 2016 o prazo limite para as queimadas. Dos grandes produtores, apenas o Paraná ainda tem forte colheita manual. A legislação do estado prevê para 2015 a redução de 20% na queima e, apenas para 2025, a eliminação total das queimadas.

No Nordeste, a estimativa é que cerca de 330 mil pessoas ainda trabalhem na colheita de cana. Em Pernambuco, apenas 9% da colheita são feitos por máquinas, segundo dados do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool no Estado de Pernambuco. O estado tem topografia acidentada, com 80% dos canaviais localizados em áreas com declividade entre 12% e 30%, onde as máquinas não operam.

Em Pernambuco, o desemprego nos canaviais tem outra motivação: a decadência da indústria açucareira. Das 42 usinas que operavam na Zona da Mata, restam 17, a maior parte precariamente. (Cleide Carvalho e Letícia Lins)

(Página 42)